



AO N.º 972 DO



**SUBSCREVE-SE**

Na Typographia do PA-  
TRIOTA, rua do Poço  
dos Negros n.º 54,  
Marques, na rua Augusta  
n.º 2 e 3.

**FOR**

Um mez.....240 rs.  
Tres mezes.....720 ..  
Avulso.....30 ..

Este Supplemento publica-se todas as se-  
gundas e quintas feiras.

**EXCELLENTE REPRESENTAÇÃO**

que os ratos da capital levam á presença de S.  
Ex.ª o sr. Ministro da Fazenda.

**EXCELLENTISSIMO RATÃO.**

Desde muito, que os ratos da capital e seu termo, faziam os mais sinceros votos para que V. Ex.ª fosse collocado no imminente logar, que hoje occupa. Desde muito que os infelizes ratos da capital soffrem a mais cruel perseguição e são tratados como se fossem patulêas. Sim illustre ratão, até o anno de 1834 só tínhamos a lutar contra o cão e contra o gato, mas depois dessa epocha fatal as camaras municipaes não tem cessado de minar a nossa completa ruina.

A limpeza de Lisboa, tem levado a fome ao centro de nossas familias, que só se sustentavam do fructo do seu trabalho! a miseria conduziu ao tunulo muitas das nossas illustres celebridades, alguns pais de familia se lançaram dos Arcos das Agoas Livres abaixo, outros tornaram-se *ratocidas*, e outros renegaram a sua nacionalidade e foram offerecer os seus serviços aos estrangeiros. A moral perdeo-se, os antigos costumes desappareceram, e apenas alguns ratos de rabo pellado conservaram illeza a dignidade e honra que lhe foi transmittida por seus maiores.

No meio da nossa magoa, alimentava-nos um só pensamento, uma esperança, confiavamos que um ratão appareceria que salvasse a nossa raça! Nossos votos foram ouvidos, e o nome de Marino Miguel Franzini, souo a nossos ouvidos! Apenas começastes os vossos trabalhos estatísticos sobre os ratos; levantou-se um brado geral — *Os ratos tem um protector* — a sua causa está ganha.

As noites que perdestes a calcular quantos ratos povoariam Lisboa foi sem duvida um grande pensamento politico. Não foi de certo para nos alistar nos batalhões nacionaes que nos recenseastes; isso seria uma raticide!! Tudo nos diz que seremos chamados a preencher o mais sagrado dever do cidadão — os ratos vão votar. — Sim illustre ratão, este foi o vosso pensar. Os ratos agradecidos vos saudam! vos abraçam fraternalmente, e juram sobre a cabeça de suas mulheres e filhos de vos apoiarem. Vós sois o nosso pai, o nosso salvador, sois o maior ratão da Europa. D'ora ávante podeis dormir descansado em vosso leito, com um arratel de toucinho debaixo do travesseiro; os ratos portuguezes respeitão o vosso somno.

Disponde de nossos bens, de nossos corações, elles

vos pertencem; nossos netos bemdirão o vosso nome, e a posteridade um dia proclamará, que — Marino Miguel Franzini foi o primeiro ratão do seu seculo.

(*Seguem-se as assignaturas de diferentes ratos, e ratazanas.*)

**ROMA E PAVIA NÃO SE FEZ N'UM DIA.**

Carlos Morato Roma, é um medalhãoito que segundo Linêo, pertence á familia dos *caturras voraces*, seguiu o curso da aula de commercio, e enfronhado na sciencia dos o o o o o o o o, foi empregado como escripturario, ou enfermeiro no real hospital dos doudos. Depois da regeneração arrumaram-no no thesouro, como chefe de uma repartição. Foi boa lembrança.

Casou e teve filhos.

E' capitalista e dos de ventre proeminente. O paiz deve-lhe muito, e elle nada deve ao paiz, senão o ser seu filho. Se Carlos Morato Roma não tivesse nascido, não teriamos a Confiança, as Obrãs Publicas, nem o banco de Portugal. Deos sabe o que teriamos, e como teriamos vivido.

A Companhia Confiança Nacional foi um pensamento atrevido, tudo appareceu rico de um momento para o outro e se alguns dos seus accionistas estão hoje a pedir chuva, é por não terem tido confiança bastante para confiarem o resto dos pintos ao famoso Dulcamara. A confiança é a primeira das virtudes civicas. Sem confiança não póde existir desconfiança, e em abono da verdade o *Pamora-Dóce* Roma nunca desconfiou que neste paiz deixasse de haver quem nelle confiasse.

Confiai em mim tereis dinheiro. ....!!

Mas a vasta imaginação deste grande homem, não parou na confiança; creou a companhia Monumental das Obras Publicas, a companhia do Pedregulho!! Ahi tendes canaes, pontes, calçadas, arcos de triumpho, teireis mesmo chafarizes, poços artesianos e canaes dentro de casa, heide revirar Lisboa de cima para baixo; mas venham pintos, que isto custa dinheiro; e muito.

Entraí com a primeira prestação; e vereis começar os caminhos de ferro.

Venha a segunda prestação e dou-vos uma ponte; e n'um momento lançou uma ponte pensil da algebeira dos papalvos para a sua, pela qual só passaram os *crusios* destes, indo cantar a alleluia na capella romana.

Pedras, pedras, era o grito geral; venham pedras, queremos pedras; o Roma nem seixos deo; olhou para o seu povo, rio-se, e disse, pois que assim o quereis assim o tereis, lavo as minhas mãos, e ahi vai pedrada; e debaixo de pedra sepulchral enterrou os capitães daquelles que lhos confiaram, ficando os donos redusidos a pó, terra, cinza, e nada.

te a revolução do Minho, andou o *Judeosmo* atraz dos ministros a chorar para que o deixassem trampolinar; estava muito conhecido; e mandaram-no resar o terço. Apareceu a emboscada de 6 de Outubro e o *Judeosito*; entendeu-se com os da sua tribu e creou o banco de Portugal. Hoje está o nosso Roma nas suas tres quintas, tem um ministerio, que o entende, tem lá o seu Ferrão; está n'um leito de rosas.

Povo faz um *salamaleque* aos excellentissimos ministros, e deixa ir o barco, que vai navegado.

« A vida de um grande homem está nas suas obras » assim o disse Voltaire; se é que o disse. Se Carlos Morato Roma tivesse nascido em Sparta levantar-lhe-hiam altares, em Londres manda-lo-hiam para *Botany Bay*, e em França pregavam com elle nas galés; entre nós póde tranquillo e socegado

« De seus fundos comer o doce fructo. »

pois — cada terra com seu uso cada roca com seu fuso.

O tranquibernia.

### As loterias.

Deos querendo formar o mundo, creou o homem, o saugim, o sendeiro, o piriquito, o boi, o perú, o pato e o municipal, o morcego, os ratos do Franzini etc. e a cada um destes individuos em particular destinou e logar que tinha de occupar na sociedade. Bem ou mal organizado, o mundo tem ido vivendo conforme tem podido, e o homem a quem foi dado na obra da criação o mais distincto logar, é talvez de todos os animaes, o que mais tenha degenerado, por isso temos nós visto homens mais asnos do que os proprios sendeiros; dando couce maior do que os destas innocentes creaturas, que se ás vezes fazem sandices, é porque Deos lhe não deo a necessaria intelligencia para melhor se guiarem. Habitados pois aos desvarios dos homens, confessamos, que pouco ou nenhum peso lhe davamos. Tudo tem limites, diziamos nós, um dia teremos homens de juiso, e esse dia não está talvez longe. Esperemos pois.

Uma bella manhã appareceu-nos o gallego que nos faz as compras, e deo-nos a noticia que tinhamos ministerio novo.

Nesse caso ahi está em execução o famoso art. 4.º do protocolo — Toca a vestir. — Sahimos, compramos o *Diario*, lêmos o nome dos novos ministros, e dissémos; são cabralistas e de mais a mais são piegas; no entanto esperemos pelos actos. Desde então impozemo-nos a dura penitencia de consultar todas as manhãs o borda d'agoa do padre Eleuterio; eis que quando menos o esperavamos deparamos na folha do clerigo com o primeiro couce ministerial.

Declaram os excellentissimos governantes, que o paiz não terá paz e sócego, senão quando andar a roda! Duas vezes lêmos o borda d'agoa e a final; ficamos tristes, cahio-nos uma lagrima, envergonhamo-nos de termos descido tão baixo, para merecemos uma circular, programma, caturice tão *carnavalesca*.

Não, não ficaremos neste paiz, o que o selvagem do José dos Conegos, não conseguiu de nós, conseguem agora os caturras da governança. Vamos emigrar, vamos mendigar o pão do exilio; nossos olhos, não hão de vêr a sorte que espera esta terra; nossos ouvidos não hão de ouvir a voz do Ferrão, d'um ministro da corôa gritar por essas ruas « Quem quer vêr numeros, quem quer vêr a sorte grande, não havemos presenciar esse grande esforço de coragem civica; não temos alma para tal. E' necessario ter entranhas de bogio para consentir nisso. Faça-se tudo para salvar a nação, menos o fazermos do Ferrão cauteleiro. Devem unir-se os patriotas e levar aos pés do throno uma humilde súplica, para que se prohiba a qualquer dos ministros dar taes provas de patriotismo. Nós somos patuléas, desejamos todo o mal

possivel aos nossos inimigos, e sentam tão caturras, esquecemos tudo, e o nosso desejo é tornar-nos ministeriaes.

Se pois os nossos homens d'estado continuarem a marchar no sentido da circular, estamos com elles. A capital está falta de divertimentos, e nós queremos quem nos faça rir. Venha tudo menos o Ferrão de lista geral debaixo do braço, tudo menos isso, porque realmente é caçoada de mais. Comprehendemos que o Franzini peze a chuva, que tenha a estatistica dos ratos da Capital, que o Barreiros não queira ser Cubello, que o Mello e Carvalho nos diga que não é cabralista, que o Leão queira ser honrado, tudo comprehendemos, menos o vêrmos o Ferrão (o novo Pombal) a vender cautelas.

Para sermos francos diremos; que se tal virmos ficamos convencidos que anda neste negocio manejo occulto; quem sabe, talvez o dedo de Luiz Filippe.

### QUEREMOS SER GOVERNADOS POR ASNOS.

Ha muita gente, que não sabendo como, ou não tendo por onde atacar os ministros, diz muito ufana — São uns asnos. — Longe de tal epitheto ser uma injuria é uma grande honra — vamos prova-lo com a historia na mão.

Quem estudar o ente *burrical*, quem recorrer ás antigas chronicas ficará convencido que os nossos governantes são asnos quadrados.

O burro, é um animal docil, humilde, não é estrangeiro, bastardo ou intruso, é propriamente nacional; tanto bastaria para não ser despresado, e para o vêrmos com orgulho no poder. Supponhamos que o actual ministro da guerra é um asno; quem é que ignora ser o asno um animal marcial e que o califa Mervan fôra apellidado — Asno — por causa do seu valor e magnanimidade!! e que Homero (que de certo não era tolo) comparava Ajax a um asno, tambem pelo seu valor marcial! Se o ministro dos negocios estrangeiros é asno; parece-nos que nos devemos vangloriar com isso, pois segundo os antigos; o burro de Sileno fallava perfeitamente o arabe. Se o asno não fosse viajante concordavamos, que devia ser banido da nossa marinha, porém qual será a alma christã, que não saiba que o jumento de Bethphage, que conduzio Christo a Jerusalem, cansado de pastar na Palestina, corajosamente se expôz aos perigos do mar para visitar Chypre, Rhodes, Candia, Malta, Sicilia, o Golfo de Veneza, subindo depois o Adige para vir espichar em Verona. Os Asnos já figuraram muito em epochas remotas. São animaes nacionaes que não se aclimatizam facilmente em os outros paizes, senão que o diga a Suecia, a Dinamarca, a Noroega, Laponia, Polonia etc. Só por um tão forte motivo se devem conservar no reino. Queixam-se de estar no thesouro um grande asno! Porém o que é hoje o nosso thesouro? E' um céu aberto, um Paraíso, uma terra de promissão; ora se no Paraíso dos Mahometanos, que não era nada em comparação do nosso *Paraíso thesouro* encaixaram tres asnos; o que conduzio o Deos dos christãos, a burra de Balaam, e o burro favorito de Mahometh — porque nos admiramos vêr no nosso *Thesouro* um grande asno! Clamam que o governo civil está entregue a um asno, nosso vêr é onde o asno é mais proveitoso.

Valerio Maximo assevera, que o burro tem grande esperteza e discernimento, e conta que o famoso Marino depois de ter vencido o meio dia, e o septemtrião foi declarado inimigo da patria e só escapou ás perseguições de Sylla advertido pelo seu burro! Logo sendo o burro descobridor e espia, deve occupar distincto logar no Governo Civil.

Em um dos povos civilizados da India, a Jerar-



Lith. Franca. e do Combro N.º 5

M. M. F.  
**ULYSSIPONENSES RATASANAÆ**  
**MONUMENTUM GRATITUDINIS**  
 POS  
**A.D. MDCCCXLVII.**

quia principal se honra em descender de um — Burro, e os que são de tão nobre estirpe, tratam estes animaes como irmãos, defendem-os e advogam a sua causa.

Um dos nossos poetas célebres dedicou um famoso poema aos — Burros —; e tanta consideração mereceram elles sempre aos nossos governantes, que nunca se atreveram a lançar-lhe décima! O proprio Costa Cabral que até sobre os mortos lançou tributos, respeitou o Burro.

Finalmente só os anti-Ministeriaes, os anarquistas, os *patulêas* é que poderão dizer que o Asno de então não seja o mesmo de agora, e que tenha perdido as suas prerogativas; só os *patulêas* poderão alçar a voz contra o mais util, e mais pacifico animal, só elles (nunca o homem sensato amante da sua patria) se atreverão a manchar tão sólidas qualidades. Se algum dia vozes de — Burro — não chegavam ao Ceo, hoje se fazem ouvir em toda a parte. Queremos pois o poder tal qual está; e se elle pecca por alguma cousa é em negar a sua origem.

### Viva o ministerio e o seu programma!

Até aqui temos censurado o ministerio. Injustiça! elle coitadinho que tanto merece, elle que se sacrifica pelo bem do seu paiz e que abarrotta a nação com circulares e programmas! Hoje sinceramente arrependidos pedimos perdão e se é mister algum sacrificio, eis-nos prostrados e promptos para o que der e vier.

Depois do soberbo programma que figurou nas columnas do *Diario*, ainda haverá quem ouse abocanhar essas creaturas de Deos, tão meigas como um cordeiro, tão ternas como a actriz que busca *protector*? Sim, houve já alma tão damnada que perguntava em que se parecia o programma ministerial com as notas do banco? E outra alma ainda mais damnada respondia — em soffrer *agio*! E é assim que se avaliam nesta terra as boas intenções, é assim que se reconhecem os serviços *impressos* d'um ministerio, que a europa toda vai disputar ao muro! Um ministerio liberal, justiceiro, buscando o merito onde o encontrar, executando a carta á risca, fazendo a felicidade da patria; quem o não quererá?

Os ministros bem se vê que são homens antigos, de rija tempera, d'um *só pensamento* e d'uma *só vontade*, destes grandes portuguezes de que falla Sá de Miranda d'antes quebrar que torcer. E em verdade quem será capaz de torcer o sr. Franzini ou o sr. Fontes tendo-se a natureza encarregado ha muito da *torcedella*! Verdade, verdade — são sem duvida estes os catões politicos de que fallava o poeta

Um valente capitão

De rabichó e de calção,

Voltava da parada mui contente

De commandar o alferes ou tenente,

E vinha, oh gloria illustre portugueza,

De toalha na mão servi-lo á mesa.

A responsabilidade de ministros d'ora em diante será uma realidade. O ministerio é solidario — um responde por as asneiras de todos e todos por as de cada um, v. g., o sr. Franzini tem a *rato-mania*; os seus collegas são responsaveis para com o publico de todas as ratices deste grande ratazana.

O ministerio tem por divisa — justiça e economia — E' uma divisa como qualquer outra. O ministerio exige reformas na carta e o protocolo cumprido! O protocolo cumprido! Oh! conde de tomar, em que má hora vieste! Lastimamos de veras a posição dos cabralistas e se podessemos davamos um abraço *solidario* nos ministros só por esta idéa! Os empregados hão de ser escolhidos dentre os homens de talento e de virtude, não se olha a partidos, não se proverá emprego algum que vagar sem serem ouvidas as côrtes, as commissões para elaborar as propostas de lei serão compostas de indivi-

duos cheios de patriotismo e de luzes, nenhum alto funcionario. . . . .

Basta, basta!

Qual basta! Ainda agora vamos em metade. Nenhum alto funcionario pôde ser demittido ou admittido sem deliberação em conselho de ministros, o ministerio respeitará os contractos legitimamente celebrados, será leal nas suas promessas, pontual no cumprimento de suas obrigações, melhorará a sorte dos officiaes da terceira secção, o ministerio trabalhará. . . . .

Basta!

Ainda não é tudo. O ministerio trabalhará para pôr as notas ao par, protegerá a loteria nacional, manterá a liberdade da urna, a fidelidade do recenseamento e. . . . .

Agora esta não deixamos passar. O maganão do ministerio aqui caçoou comnosco. Pois venha cá marotinho e diga-nos porque se recensearam tantas pessoas contra lei — taes como — batalhão sagrado, homens do lixo etc.? Venha cá lindinho e diga-nos porque se eliminaram em todas as freguezias pessoas a quem pertencia votar? Ah! cachorros, isto não é rasoavel, demais desde 1845 que se pratica, torna-se velho e insipido. Ao menos mais variedade na maroteira!

Mas, emfim, esta *bagatella* desculpa-se á vista das promessas maravilhosas, estupendas, grandiosas e sublimes — com que nos fazem a bôca dôce: se depois de tudo nos enganam. . . se faltam. . . oh! então em vez do adagio portuguez — falso como Judas — dir-se-ha falso como o programma do ministerio Mello Ferrão!

## Cutiladas.

O programma do ministerio diz, que o governo fará todos os esforços para passar todos os bilhetes da loteria. Como é negocio de sorte talvez o bilhete dos ministros saia branco.

Carvalho, mais Ferrão, mais Barreiros, mais Leão, mais Franzini mais Fontes — iguaes a Costa Cabral.

Uma das descobertas felizes, que os ministros acharam para felicitar a nação, foi descobrir o Franzini.

Com chamados empréstimos, cambios, recambios, breliques, breloques, inversões, amortisações, introduções e commissões, engoliram Portugal certos ladrões. Hoje estamos salvos temos Ferrões, Leões, Barões, tudo acabando em ões. . .

O padre Antonio Vieira, dizia, que na India se conjugava primorosamente o verbo *surrupio*. Que diria elle agora se tivesse a desgraça de viver entre nós? Que a sua *arte de furtar* estava incompleta.

Correm dias, corre o tempo

E apparece o Ferrão;

Aqui p'ra nós em segredo

Isto é grande mangação.

## ANNUNCIO.

A carta — **Jornal cabralista.**

Principal redactor — S. Ex.<sup>o</sup> o sr. Ferrão.

Fiador — Manoel Maria Coutinho d'Albergaria.

Editor responsavel — Guilherme Suart, escriptivo do sr. Ferrão.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.